

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DA GEOGRAFIA: DEBATENDO POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS NO SISTEMA ESCOLAR E SOCIEDADE

Marilene Dantas Cruz Marinho¹
Murilo Alex Rosa²
Estevane de Paula Pontes Mendes³

RESUMO

O presente artigo pretende buscar e verificar as possibilidades de se promover a integração entre Educação Ambiental (EA), o Ensino de Geografia (EG), ministrado na Educação Básica (EB) do Sistema Educacional Nacional (SEM). O principal objetivo do estudo foi construir uma discussão voltada à temática ambiental e sua interdisciplinaridade, identificando as potencialidades dos sujeitos docentes da Geografia, e a capacidade destes, em repensar e praticar um processo educativo buscando a formação de uma nova mentalidade ecológica em todos os envolvidos no e com o sistema escolar. Foi realizada a metodologia de uma pesquisa bibliográfica, onde se tratou de analisar algumas concepções teóricas (de autores disponíveis), relacionadas e ou pertinentes à EA e o EG, em todos os níveis de escolaridade. A possível conclusão mais importante – é que o processo aqui discutido, exige mudanças, comunhão de esforços e envolvimento e ou comprometimento de diversos atores (professores, administradores educacionais, governantes, docentes universitários, alunos, pais e comunidade em geral), uma vez que as temáticas podem contribuir para a construção da cidadania e promover ações capazes de solucionar problemas ambientais das comunidades onde as escolas estão localizadas.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Ensino de Geografia, Interdisciplinaridade, Sistema Escolar.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental é uma temática presente nos vários discursos enfocados por diferentes segmentos da sociedade, tais como, políticos, econômicos, culturais, entre outros, incluindo os relacionados à educação, assim, faz-se necessário que se pense na construção de valores nos quais o sistema escolar tenha seu papel a desempenhar, sendo este, um espaço apropriado em que os educandos aprendem conceitos que tratam do e sobre o tema meio ambiente, e estes podem ser aplicados no seu cotidiano comunitário de forma ética e sustentável.

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, marilenedantascruzmarinho@gmail.com

² Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, alex_anhg@hotmail.com

³ Professora orientadora: Dr^a. Estevane de Paula Pontes Mendes, Universidade Federal de Catalão – UFCAT, estevaneufg@gmail.com

Partindo do princípio que as temáticas Ensino Ambiental, Ensino de Geografia e Educação Básica são aqui consideradas os focos deste estudo, uma problemática que pode ser apresentada na forma da seguinte pergunta: Os docentes de Geografia da Educação Básica, tendo por base os conteúdos tratados em suas aulas, se voltam e trabalham realmente o tema das questões ambientais com seus alunos? E, para analisar como se dá a prática do Ensino de Geografia e a aplicabilidade da Educação Ambiental nesta situação, é que este trabalho tem como objetivos o que se segue.

O objetivo geral é construir uma discussão voltada à temática ambiental e sua interdisciplinaridade, identificando as potencialidades e ou possibilidades dos professores de Geografia em repensar a sua prática educativa, buscando a formação de uma mentalidade ecológica em todos os envolvidos no sistema escolar.

A justificativa pela escolha do tema é que ele envolve significados essenciais para melhorar a qualidade de vidas das pessoas, daí que, falar de Educação Ambiental é importante para uma sociedade que vive em um meio cheio de problemas ambientais e o presente estudo poderá fornecer algumas alternativas para se aprender a lidar com eles, além disso, faz menções à atuação dos professores de Geografia, que apesar das falhas em suas formações superiores e aos poucos valores dados a eles enquanto profissionais, não devem ser deixados de ser reconhecidos como elos nos processos de ensinar e aprender dos alunos, que querendo ou não, são responsáveis por uma grande parcela da formação de uma dada sociedade.

Assim, esta pesquisa tem importância uma vez que, destaca temas de relevância social, ecológica, política e educacional, temáticas estas que, no Brasil, são sempre focos de debates, discussões, estudos e pesquisas continuadas, que avançam ou recuam, sempre permeadas de opiniões divergentes ou opostas, não sendo nunca elucidadas, solucionadas ou fechadas, comportando sempre novas visões e ou abordagens, em um eterno recomeçar.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se de uma abordagem qualitativa com fins exploratórios de obras que tratam da temática proposta, onde se buscou argumentos e ou informações atenda-se às referências teóricas apresentadas pelos autores em artigos científicos, dissertações e fontes disponíveis na internet, incluindo os seguintes nomes/autores: Ascensão e Valadão (2014); Batista (2014); Bartolozzi e Perez Filho (2000); Brasil (1988); Cavalcante (1998); Fuscaldo (1999); Jacobi (2003); Pereira, Dias e

Spironelho (2015); Sauv  (2005); Sorrentino (1998); Souza e Pinto (2016); e Rocha e Santana (2014), durante o primeiro semestre do ano de 2019.

Por meio de várias atividades, tais como, consultas, leituras, análises, sele es e registros, as informa es foram processadas de acordo com as informa es postas ou exigidas pelo tema escolhido, de forma que pudesse ser assegurada aos pesquisadores, as melhores condi es de análise e obten o das informa es pretendidas, bem como, permitir uma maior reflexão e conhecimento a respeito do assunto aqui abordado.

DESENVOLVIMENTO

A Educa o Ambiental   um tema que vem suscitando preocupa es e debates em diferentes segmentos sociais, incluindo a educa o, que se caracteriza por ser um espaço onde se pode construir e ou desenvolver conhecimentos individuais e coletivos sobre a temática apontada, sendo possível indicar o ambiente escolar, como um lugar para se trabalhar: Educa o Ambiental e o Ensino de Geografia, com alunos do Ensino Fundamental, trabalhando os problemas do meio ambiente local e global.

Entao, deve-se considerar o que Dias (2000) *apud* Souza e Pinto (2016, p. 7) expõem acerca do que se trata a Educa o Ambiental em rela o às aulas escolares,

[...] A Educa o Ambiental deve proporcionar aos cidadãos os conhecimentos científicos e tecnológicos e as qualidades morais necessárias que lhes permitam desempenhar um papel efetivo na prepara o e no manejo de processos de desenvolvimento, que sejam compatíveis com a preserva o do potencial produtivo, e dos valores est ticos do meio ambiente.

Ressalta-se que, a defini o ou papel que Educa o Ambiental que deve representar no ambiente escolar, está determinada e assegurada na Constitui o Federal de 1988, em seu Art. 225, conferindo que, a educa o ambiental deve ser promovida em todos os níveis de ensino, além da garantia de se promover a conscientiza o pública de ou para preservar o meio ambiente (BRASIL, 1988).

Nessa perspectiva,   necessário que os profissionais graduados em Geografia, bem como os demais de outras disciplinas, sejam ou estejam aptos a exercer suas práticas docentes, estando munidos do, “... domínio do conteúdo, criatividade, didática, disciplina, etc” (ROCHA e SANTANA, 2014). Nestas atividades podem haver as possibilidades de realizar a intera o entre as disciplinas ministradas, ocorrendo a prática pedagógica interdisciplinar dos conhecimentos estudados, ou seja, será possível, integrar o que se ensina e o que se v  e vive.

De acordo com Jacobi (2003, p. 190), desde a Conferência Intergovernamental de Tsibilisi (EUA/1977) e da Conferência Internacional de Tessalônica (Grécia), tem-se “... um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da complexidade”. Além disso, “... chama a atenção para a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares” (SORRENTINO, 1998 *apud* JACOBI, 2003).

O que tais observações exigem é que, se façam sérias reflexões que não estejam nem perto da linearidade, isto é, é necessário que se pensem, planejem e desenvolvam práticas educativas, coletivas e integradoras que possibilitem a criação de valores e identidade, além de ações solidárias para realizar a reapropriação da natureza, sob o ponto de vista dialógico e interrelacional entre os saberes das diferentes disciplinas escolares (JACOBI, 2003).

É muito importante também, “... destacar que a questão ambiental abrange um conjunto de temáticas relativas não só a proteção da vida no planeta, mas também ao tema meio ambiente e qualidade de vida das comunidades [...]” (SOUZA e PINTO, 2016, p. 7). Daí, ser necessário que, professores e a comunidade educacional como um todo, optem por uma prática reflexiva e crítica frente ao cenário atuante quando a questão for a Educação Ambiental, por isso, devem-se lançar mão de ações pedagógicas que permitam e ou contribuam para a preparação e formação dos estudantes a curto, médio e longo prazo, e que a sociedade tenha oportunidades de construir conhecimentos sobre “a formação de uma consciência ecológica”, que envolvam “valores éticos”, “atitudes” e “comportamentos”, sociais, culturais, políticos, educacionais, etc. (SOUZA e PINTO, 2016).

Bortolozzi e Perez Filho (2000, p. 147) apontam que,

[...] Torna-se urgente, portanto, a busca de alternativas educacionais que propiciem aos educandos o desenvolvimento de uma percepção abrangente da questão ambiental, proporcionando-lhes a compreensão das inter-relações entre os diferentes aspectos que envolvem a realidade, tais como físicos, humanos, econômicos, sociais, políticos, culturais, Isto, para assegurar-lhes a cidadania e melhorar sua qualidade de vida.

Isto torna evidente a necessidade de se compreender como a questão ambiental se relaciona com a educação, e rever seu papel na procura de novos valores que sejam capazes de levar à formação de novas mentalidades das pessoas, para que estejam prontas a participar de uma política ambiental mais justa, ampla e engajada à sociedade vigente (BORTOLOZZI e PERES FILHO, 2000).

Ao refletir acerca das práticas pedagógicas atuais, tanto quanto as dos professores de Geografia ou de outros docentes que lidam com a Educação Ambiental nas escolas, os quais devem buscar a formação de novas mentalidades nos educandos, não caberia aqui um questionamento: Estes profissionais receberam informações e ou orientações para isto? A universidade trabalhou ou trabalha as questões de interdisciplinaridade e as problemáticas da Educação Ambiental, elas tiveram ênfases nos curso de formação deles? (PEREIRA, DIAS e SPIRONELLO, 2015). E, por mais que, a questão seja complexa, é correto criticar que o ensino escolar não pratica uma Educação Ambiental adequada ao cidadão de hoje e do futuro, porém, há que considerar que, os docentes ali atuantes também não tiveram um modelo apropriado de formação universitária para fazê-lo diferente, pois, a lógica seria ou é, melhor dizendo, o tema Educação Ambiental deve ser o foco dos “saberes institucionais” em todos os segmentos das diferentes áreas do conhecimento (PEREIRA, DIAS e SPIRONELLO, 2015).

E é Batista (2014) apud Pereira, Dias e Spironello (2015, p. 45) que corroboram com a presente argumentação: “... a incorporação da problemática ambiental como dimensão do ensino, da pesquisa e da extensão, insere-se ou deveria estar inserida nas demandas apresentadas pelos segmentos acadêmicos, como prioridade do projeto institucional e das práticas acadêmicas, compondo assim o conteúdo da responsabilização social e política das universidades diante dos problemas contemporâneos”.

Nesse sentido, o que se critica aqui, é o modelo de ensino praticado nos cursos superiores, que, muito pouco trata da Educação Ambiental, uma vez que ele segue e serve ao modelo econômico do capitalismo vigente, cumprindo suas funções de preparar os profissionais e suas ênfases acadêmicas que atendem às exigências do padrão capitalista, daí, vem a necessidade difícil e complicada de reestruturar o foco de produções e discussões universitárias nas diversas áreas do ensino acadêmico, e Batista (2014) complementa, “... é necessário refletirmos sobre as possibilidades efetivas de viabilização de uma política de educação ambiental e sua implementação na educação superior como um componente inerente à formação humana e política”. Pode-se tratar de um processo complexo, porém, é lógico e importante, que a Educação Ambiental deve ser interdisciplinar, todos os níveis ou modalidades educacionais, obrigatoriamente, devem debatê-la solidamente, sendo que isso, serve para fortalecer a temática, e quando for levada aos alunos nas escolas, seus professores estarão devidamente preparados para ensiná-la ou vivenciá-la apropriadamente (PEREIRA, DIAS e SPIRONELLO, 2015).

Entre as muitas versões da Geografia, enquanto ciência, remontando lá da Antiguidade Clássica, passando por La Blache (século XIX), Milton Santos (1988), Andrade (1987), Corrêa

(1987), Mininni-Medina (1996), até Calvente (1998) que, chegou a uma definição sobre o meio como possibilidade de resgatar a produção do conhecimento pelos alunos e professores: “O meio em que cada um vive é a concretização das forças que regem o mundo atual. E a partir do meio que pode-se perceber a obra dos homens no tempo e no espaço e perceber-se como sujeito”.

Pode-se dizer que, esta vertente tem algo a ver com o enfoque crítico proposto por “Paulo Freire – Educação na Relação Reflexão – Ação”, o que seria um diálogo entre espaço (objeto da Geografia) e o meio (lugar de conhecimento humano), e com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), incluindo a Educação Ambiental através dos Temas Transversais (modelo dos anos 80/Espanha), destacando a temática do meio ambiente para dentro da escola, devendo ser trabalhado de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis de ensino (FUSCALDO, 1999), e lembrando a determinação da CF/88, esse tema deve ser desenvolvido no Ensino Fundamental e Médio.

Já no Ensino Superior, especialmente nos Cursos de Licenciatura (formação de professores), a metodologia para este tipo de trabalho docente, deveria fazer parte do conjunto de disciplinas desenvolvidas para cuidar das práticas de ensino, além de estudos mais profundos e reflexivos acerca da interdisciplinaridade entre os ramos de especialização da Geografia, especificamente, no que possa superar a diferença entre a Geografia Física e a Humana (FUSCALDO, 1999).

Levando em consideração a temática Educação Ambiental, segundo Sauv  (2005, p. 17):

Uma das estratégias de apreensão das diversas possibilidades teóricas e práticas no campo da educa o ambiental consiste em elaborar um mapa deste ‘território’ pedagógico. Trata-se de reagrupar proposi es semelhantes em categorias, de caracterizar cada uma destas últimas, [...] identificar aquelas que mais convém ao nosso contexto de interven o, e escolher as que saberão inspirar nossa própria prática.

Estas considera es se relacionam às diferentes correntes da Educa o Ambiental, (existem pelo menos quinze), sendo que algumas delas são mais antigas e dominaram nos anos de 70 e 80, e outras, são mais recentes, todas podem ser vistas como propostas teóricas, e trarão vantagens como objetos de debates e conhecimentos críticos ou reflexivos, acrescentando que, cada corrente possui características específicas, mas compreendem divergências e convergências, podem conter propostas definidas (modelos, programas, atividades, estratégicas, etc), ou envolve opiniões ou depoimentos que significam haver integra o entre duas, três ou mais correntes (onde se misturam caracteres, por acréscimos, por oposi es, por compara o, por rela o de semelhança e ou proximidade), assim, trata-se de uma cartografia,

que deve ser analisada e debatida para poder evoluir e acompanhar as mudanças da própria Educação Ambiental. (SAUVÉ, 2005).

Sabe-se que, na verdade, desde a metade dos anos 90, muito se pesquisou e se alterou acerca do ensino de Geografia, podendo afirmar que as inovações se referiam aos universos cognitivos dos geógrafos, e poucas rajadas dos ventos das propagandas ou reformas atingiram de fato, as fragilidades das práticas pedagógicas junto aos alunos, especificamente no que se refere ao espaço e à espacialidade dos fenômenos que ali ocorrem (ASCENÇÃO e VALADÃO, 2014). Assim, a Educação Básica e a Educação Ambiental ainda ocorre, na grande maioria das escolas brasileiras, na forma de “um ensino descritivo”, fragmentado”, centrado em “estudos isolados dos componentes” ou fenômenos “espaciais”, e os docentes parecem não saber ou não conseguem passar do como aprenderam (nos cursos de graduação), ao como ensinar aos seus alunos de modo efetivo, não descritivo, não fragmentando e não apenas informativo sobre espacialidade. É importante não tão somente enxergar tais carências ou ausência de tais orientações didáticas ou habilidades práticas nas salas de aulas, há que se entendê-las, e tomando-as como ponto de partida, investir, prever e atuar, diferentemente (do passado), no presente, nos cursos de preparo e formação inicial e continuada para mudar a situação do ensino em geral (ASCENÇÃO e VALADÃO, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na trajetória da pesquisa foram analisadas algumas informações relacionadas e ou pertinentes ao tema escolhido, destacando-as em forma dos seguintes resultados, por exemplo, que a Educação Ambiental é importante por que possibilita a formação do aluno enquanto cidadão e é garantida pela lei máxima do país, conforme Brasil (1988) que em seu “Art. 225, assegura ou determina que a educação ambiental deve ser promovida em todos os níveis de ensino, além de garantir a promoção da conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Para o efetivo desenvolvimento da Educação é necessário que os graduados em Geografia sejam qualificados e exerçam suas práticas docentes munidos de “... domínio do conteúdo, criatividade, didática, disciplina, etc”, de acordo com Rocha e Santana (2014).

Considerando a Conferência Intergovernamental da Tsibilisi (EUA/1977) e a Conferência Internacional de Tessalônica (Grécia), a Educação Ambiental tem se renovado, e além de ser trabalhada de forma interdisciplinar, em conformidade com o que diz Jacobi (2003),

“... chama a atenção para os conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares”.

É necessário entender que “a Educação Ambiental abrange um conjunto de temáticas relativas não só a proteção da vida no planeta, mas também ao tema meio ambiente e qualidade de vida das comunidades [...]”, o que, segundo Souza e Pinto (2016), sugere que a escola (professores e demais profissionais envolvidos) e a comunidade como um todo, adotem uma prática crítica e reflexiva sobre a Educação Ambiental, que busca formar os educandos a curto, médio e a longo prazo, desenvolvendo atividades para construir uma consciência ecológica, envolvendo valores éticos, atitudes e comportamentos sociais, culturais, políticos, educacionais, entre outros.

Além, de se pensar, planejar e vivenciar essa Educação Ambiental proposta, afirma-se que a mesma seja possível e capaz de formar os cidadãos do futuro, com uma nova mentalidade, o que justifica o que dizem Bortolozzi e Peres Filho (2000), “... Isto, para assegurar-lhes a cidadania e melhorar sua qualidade de vida”.

É comum criticar a escola por não praticar uma Educação Ambiental apropriada ou adequada, porém, não se deve esquecer, que, na formação dos docentes ali atuantes existem lacunas de informações e ou orientações que, de acordo com Pereira, Dias e Spironello (2015), “trata-se do foco dos saberes institucionais em todos os segmentos das diferentes áreas do conhecimento”, ou seja, não foram fornecidas as devidas ferramentas aos professores nos cursos de graduação, preparando-os para trabalhar a Educação Ambiental na Educação Básica (Ensino Infantil, Fundamental e Médio).

Diante disso, pode se afirmar com certa segurança e um pouco de frustração que, infelizmente os temas sobre EA tratados nas aulas de EB são insuficientes para realmente trazer significados concretos acerca do meio ambiente aos alunos, sendo que isso ocorre devido não só em razão das falhas na formação dos docentes que não foram preparados para lidar com o assunto, mas também, pode-se dizer que há uma ausência de interesse por partes deles e dos alunos pela temática.

Ainda é pertinente dizer que, tal dificuldade em trabalhar com o tema pode estar ligada ao fato de que EA seja proposta como Tema Transversal, parecendo não ter o devido valor como assunto a ser estudado na EB, ou ainda, ser sugerido que seja trabalhado ou ministrado interdisciplinarmente, e a escola, em especial, os professores não serem capazes ou preparados para assim fazê-lo, sem falar nos alunos que não estão acostumados a trabalhar ou estudar de forma interdisciplinar.

Porém, ainda que seja difícil e complexo, é preciso e importante que a Educação Ambiental seja interdisciplinar em todos os níveis da educação e que os docentes responsáveis por desenvolvê-la estejam aptos a fazê-la, o que traz à tona o que foi dito por Batista (2014). “... é necessário refletirmos sobre as possibilidades efetivas de viabilização de uma política de educação ambiental e sua implementação na educação superior como um componente inerente à formação humana e política”.

Dentre as quinze correntes teóricas que devem ser objetos de análises e discussões há que se considerar uma, ou a combinação de características de mais de duas ou até mais, que servirá por meio de ações e ou práticas interdisciplinares trabalhar adequadamente a Educação Ambiental, e ainda seguindo as determinações dos PCNs, através dos Temas Transversais, em todos os níveis do ensino, conforme lembrado por Fuscaldo (1999), e quanto à corrente escolhida para esta tarefa, só resta desenhar um mapa do espaço ou território pedagógico, a ser considerado, o que conforme Sauv  (2005), “... trata-se de reagrupar proposi es semelhantes em categorias, de caracterizar cada uma destas últimas, [...] identificar aquelas que mais convém ao nosso contexto de interven o, e escolher as que saberão inspirar nossa própria prática”.

CONSIDERA ES FINAIS

Para introduzir, desenvolver e inovar os estudos sobre Educa o Ambiental e o ensino de Geografia, em conformidade com o cenário deste século XXI, há que se buscar ajuda, apoio, orienta es, troca de experiências, vivenciando e multiplicando a es que sejam de promover para com os professores e as escolas, tais como:

- Participar de grupos de debates, onde se discutem liderança, inova o, comprometimento, e envolvam sujeitos que conheçam os problemas ambientais da comunidade, em qual a escola se encontra, estimulando os demais profissionais ali atuantes a se envolver nos grupos e discussões.
- Criar equipes ou grupos de avalia o das práticas docentes já desenvolvidas e, promover mudanças, se necessário.
- Propor, planejar e executar “programas” (mini-projetos), tratando de temas sobre o meio-ambiente local, criando “temas” para serem estudados em atividades interdisciplinares.

- Envolver a Escola e o Programa TV Escola para formar equipes de ‘criadores’ de recursos audiovisuais sobre a Educação Ambiental e Geografia, bem como avaliar os já existentes promovendo melhorias e adequações para os mesmos.
- Repensar e propor mudanças nos cursos superiores de formação dos futuros professores de Geografia.
- Pensar, propor e criar parcerias entre a Escola e entidades de pesquisas, projetos e materiais didáticos dedicados à Educação Ambiental e ao Ensino de Geografia, podendo ser órgãos públicos municipais, estaduais e ou federais, e também, com associações afins, civis e ou privadas.
- E, por último, promover estratégias e ações de engajamento entre Escola, Professores, Alunos, Pais, Autoridades (e Comunidade) locais, definindo novas relações, combinando gestões partilhadas em programas ou projetos (continuados e interdisciplinares), embasados em normas ambientais adequadas ao ambiente próximo, criando canais de comunicação e contribuição recíprocas entre os envolvidos, incluindo aí, a criação de “temas” específicos do ambiente local, e projeção das atividades e recursos a serem utilizados.

Então, resumem-se as sugestões apresentadas às possibilidades de se repensar a Educação Ambiental e o Ensino de Geografia, como parte de uma educação de qualidade, uma vez que as mudanças e ou melhorias propostas referentes às duas questões, poderão influenciar positivamente as demais disciplinas ministradas na Escola e os sujeitos da comunidade local, estimulando-os a serem mais participativos e cooperativos com a educação de seus filhos, podendo ser chamados de agentes de transformação.

REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio. **Professor de Geografia: Entre o Estudo do Fenômeno e a Interpretação da Espacialidade do Fenômeno**. Barcelona: UB, 2014.

BATISTA, Maria do Socorro Silva. O espaço da temática ambiental na universidade diante do contexto da globalização. Rio Grande (RS): FURG, 2014. In: **REMEA – Revista do Mestrado em Educação Ambiental**.

BORTOLOZZI, Arlêude; PEREZ FILHO, Archimedes. **Diagnóstico da Educação Ambiental no Ensino de Geografia**. São Paulo (SP): PUC/NICAP, 2000.

BRASIL. Leis. Decretos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília (DF): DOU, 1988.

CALVENTE, Maria del Carmen M. H. **O conhecimento, o meio e o ensino de Geografia**. In: CARVALHO, Márcia S. (Org). Para Quem Ensina Geografia. Londrina (PR): UEL, 1998.

FUSCALDO, Wladimir C. **A Geografia e a Educação Ambiental**. Londrina (PR): CCE/UEL, 1999.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. São Paulo (SP): USP, 2003 (Cadernos de Pesquisa).

PEREIRA, Anderson Weber; DIAS, Gabriela Klering; SPIRONELLO, Rosangela Lurdes. **A Educação Ambiental, o Ensino de Geografia e a Escola: (Re) Discutindo Algumas (In) Certezas Cotidianas**. Pelotas (RS): PPGEO/UFPEL, 2015.

SAUVÉ, Lucie. **Uma Cartografia das Correntes em Educação Ambiental**. Michele Sato e Isabel Cristina Moura Carvalho (Orgs). Porto Alegre (RS): Artmed, 2005.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P. et al., (Orgs). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo (SP): SMA, 1998.

SOUZA, Maria Lucélia Medeiros de; PINTO, Odeon Cecílio. **A importância da Educação Ambiental no Ensino de Ciências**. Petrolina (PE): UNIVASF, 2016.

ROCHA, M. G. SANTANA, T. A. **Educação Ambiental no Ensino de Geografia**. Belo Horizonte (MG). UFMG/SENMA, 2014.